

O BEIJA-FLOR.

JORNAL DE INSTRUÇÃO E RECREIO.

ASSIGNATURA
POR TRIMESTRE
15000 RÉIS.

COLLABORADORES — DIVERSOS.
PUBLICA-SE QUINZENALMENTE AOS DOMINGOS.

PAGAMENTO
ADIANTADO.
2.º TRIMESTRE.

Anno de 1868.

Domingo, 12 de Abril.

N. 11.

O BEIJA-FLOR.

Desterro, 12 de Abril de 1868.

A Redempção.

Que mais extremoso effeito da Misericordia Divina do que a Redempção? ! que mais efficaz prova do amor excessivo de um Deos, que, abandonando o throno de seu Pai, veio se vestir da nossa carne para nos quebrar os ferros da escravidão?! que mais sublime élo, que expressão mais doce da sua Divindade, que escada mais augusta do homem até Deos, que philosophia mais nobre — senão aquella, pela qual apparecendo em nós tudo que haviamos perdido de sgrado e de divino, somos levados n'um sorriso extremo entre canticos dos anjos para a terra dos justos!...

Que poesia mais santa, do que aquella, cuja melodia nos encanta o espirito, sempre sedento de felicidade, e que ainda hontem gemia sob as lagrymas do triste coração!... que amor mais sincero, que affecto mais nobre — senão aquelle, de que nos resultou a vida, e a salvação do espirito attribulado. Oh! naquelle momento, em que a Igreja deixou cahir o manto de suas afflicções, e a natureza despio o luto q' a cobria, nos pareceo q' a immensidade de uma ventura se abria no espaço, e perfumava por todos os logares: — a fé, a esperanza e a caridade estavam vivas no meio de tantos attractivos: — um brilho immenso tocava as nossas fronteas, en'um amplexo divino Deos inundava de luz as suas creaturas.

Tudo se mudava. Na voz dos passarinhos já as nossas florestas não escutavam aquelle trinar saudoso pelos encantos passados; no

sussurro da fonte não se ouvia mais o canto amargurado, que repercutia no deserto, fazendo até chorar os montes e collinas, que deixavam perder a sua formosura, com o triste caso da morte do Messias; já o encanto, que as flores mimosas não apresentavam inda hontem no véo de suas amarguras — sorria nos prados, que eram cobertos do antigo encantamento; tudo se cobria de um manto feiticeiro, que se estendia nos céos e na terra, derramando venturas em todo o coração: folgava a natureza? e o homem com os olhos presos no espaço, e o pensamento erguido para o céu, o que pensava? o que lhe occupava o vasto campo da idéa? seria só a liberdade da alma, que gemia sob o crime da humana culpa de desobediencia? a felicidade que lhe provinha d'aquelles martyrios, e do triumpho do Deos humanado? não, o homem, embora a fraqueza de seu entendimento, e sujeito ás paixões que deve combattel-as — erguia muito além do goso, as suas idéas que lhe suggeria uma historia sublime, e considerava no mundo, vil e deshumano, com todas suas perfidias e calumnias, via de um lado a innocencia, accusada de crimes suppostos, e do outro a culpa tomando as vestes daquella e se apresentando risonha como se debaixo das suas vestimentas não houvesse um máo coração!

— Sol da humanidade! luz do infinito, astro que surgiste do meio dos mais cruéis tormentos, que a ignorancia, baixeza e maldade dos homens poderão imaginar... quem ha que tenha coração, e não te saude pelo benefico encanto da sua salvação, quem que ao mesmo tempo que pondere os martyrios passados pelo nosso resgate, não te envie um pensamento de amizade, e um sorriso de contentamento?

1865
1925
1868
57
1925

Affonso e Raymundo.

Breve dialogo

POR

Silvio Pellico.

—O que pensas tu do meo amor, Raymundo, d'esse arrebatamento, que á luz de uns olhos sublimes se vae augmentando na minh'alma?

—Que a sua influencia se acabaria, tão depressa podesses tel-a nos teos braços, contemplal-a, mesmo não possuindo-a como fallam teos extremos—virtuosa e modesta.

—Não. Estás enganado. Tens me ouvido muitas vezes, a expressão dos labios não é sempre differente do q' se passa na alma. Só o prazer que eu sinto, quando fallo em seo nome, e toda aquella alegria que se manifesta no meo rosto, á ponto de me chamares captivo d'ella, acho bastante para mudares de supposição, pois que essa idéa que eu não sei diffinir, e só a comprehende e a põe em practica o homem de máo coração—nunca merecerá o meo affago. Eu assim o acredito.

—Tambem não era minha intenção te magoar, Affonso. Sou teo amigo, e já de ha muito conheço os teos sentimentos. Mas... não sabes o que é o mundo e os homens da sociedade? como pensam elles? que idéa fazem de um amor como o teo? Ah! n'elles tudo se cifra na forma, em apparencias vis e enganosas q' nada dizem do objecto: têm a sciencia do merito, e a da virtude como se tem um dever, cuja transgressão nada importa mais do que uma levissima culpa. Cegos que são! vêem a virtude aonde só ha o crime, e o crime aonde só ha a virtude...

—Basta, meo amigo, ou tu conheceste que me havias ferido com as tuas palavras, ou na verdade, é teo coração despido de toda a vergonha do erro, e sente tua alma, julga teo espirito como deveriam todos julgar, uma vez que só se deve acatar a virtude, e apreciar a honra da mulher.

O pensamento nem todas as vezes tem a certeza das suas concepções, porem n'esse voar constante das suas idéas, quando depára elle com um ponto de luz nas orlas dos seos horisontes, e vé cada vez mais lhe a-

cenando as flôres da felicidade — é ahi que encontra o sublime e o certo dos seos movimentos, que de dia e noite não lhe cessam de occupar a sua actividade. De encontro á satisfação, que transluz seductora d'aquelles sorrisos, e vem se expandir no meio dos nossos encantos,—que influencia amarga tantas vezes sacóde dos seos infortunios aquelles dissabores, que o espirito que ama sente lhe matar os sonhos de esperança. A felicidade, esse manto de azul e de belleza, que se estende na flor dos nossos dias, quando meditamos sobre o futuro, e as crenças puras de nossa alma se derramam no ditoso coração; a felicidade, digo eu, parece nesses momentos de infortunio, que perde alguma cousa dos seos encantos e dourados attractivos: porém outras esperanças vem então affagar a alma do mancebo, e a mocidade vive, sonha, espera e cré.

Não sabes, Raymundo, quem apparece sempre nos risos, q' formamos, para desmancharos? é o mundo,—esse poder maldicto, q' se veste do crime e da vaidade, aonde, vestida de branco, com a sua c'roa de innocencia, e o brilho dê todas as virtudes lhe allumiando as faces de donzella, vae a filha do pobre trocar a paz do coração, e a felicidade de seos paes pela vergonha do erro, com o titulo de perdida, e... de deshonorada. Não é tudo isso uma verdade, Raymundo? A flôr que a familia tem regado com tanto disvello, e que, por si só faz as delicias de um coração de pae,—vêl-a cahida da haste, já desfolhada, com a côr perdida, é uma scêna que o mundo reprova? não, elle não conhece outras sensações: seo espirito se alimenta d'estes espectaculos como os filhos queridos de suas idéas mais affagadas.

Sei que pensas como eu, amigo, e por isso, de fronte altiva, com o teu cuidado na immensidade dos nossos destinos, olhando para o espaço, aonde se vão trocar as nossas palavras, tu me escutas, e avalias bem o sentimento, que vae tomando corpo em minh'alma, e cada vez mais torna captivo o meo coração!... Sei que tens como eu essa sublime especie de odio que o coração encerra para os homens da sociedade que se firmam na ambição do ouro, vil e desprezada ambição que tantos males tem acarretado para a humanidade. Cegos, dizes bem, cegos que são elles! vêem a virtude aonde ha só o crime, e o crime aonde ha só a virtude.

Infeliz, mil vezes infeliz o coração que se deixa contaminar pela sede do ouro. Este se acaba cedo, se destróe amanhã, e muitas vezes no instante mesmo, em que apparece sorrindo á ambição do homem. A consciencia só permanece, só a alma não morre.

O ouro é a estrella que se apaga no horisonte tão depressa uma nuvem carregada lhe passou pela frente; é o brilho, que não deixa o perfume dos raios que se sumiram, porque tão vão como elles teve igual destino, desapareceu.

E duvidas, meo amigo, da inconstancia da sorte? nunca viste um pae ornar a sua filha dos brilhantes mais custosos, e na idade, em que os seus bens lhe deveriam mais affagar os dias da existencia, — se ver abandonado da fortuna, com a sua filhinha diante dos olhos, lhe encarando a frente veneranda, e elle o pae desventurado guardando as suas lagrymas dentro do peito para derramalas, quando só, distante do anjo de candura que do que foi só tem as qualidades de uma moça de juizo; ornamento este que o mundo em nada avalia, nem tão pouco respeita. Raymundo só a leviandade póde affastar o pensamento d'estas verdades: o mundo é o abysmo da alma, é o unico escravo do ouro e da baixeza.

Não te deixei mais fallar, o coração corre pelo espaço da idéa, e tão veloz como o pensamento, foi encontrando scénas sublimes que empenhado me viste por apresental-as. Dá o desconto á fraqueza da minha intelligencia, e continúa á pensar com o teu amigo.



POESIAS.

A' M. C.

A's vezes, sim, ás vezes inda sinto
Minh'alma palpitar enfebrescida
Pensando no teu doce olhar, pensando
N'esse riso gentil que tem teos labios,
E que resume a vida.

A's vezes, sim, ás vezes inda sonho
Sonhos de amor de rapida ventura;
Inda penso cingir-te delirante,
A's vezes, sim, ás vezes, nos meos braços...
Venus! Formosura!

Inda penso tambem n'essas loucuras
Que a mente me assaltavão n'outros dias,

Quando eu sonhava corôar-te a fronte
Das rosas da innocencia e da virtude,
Em doces harmonias.

A's vezes, sim, ás vezes te recordo
Mulher de meo affecto de mancebo!
A's vezes inda vejo-te sorrindo,
Os seios a tremer, d'amor n'um extasi,
N'um quasi santo enlevo.

Mas o praser não me entumesce os olhos;
Sinto a saudade—e choro de tristesa...
Perdido diamante da corôa
Que no porvir me cingiria a fronte,
Com toda a realteza.

Chôro... por mim, por ti... perdido affecto
Tambem aos olhos meos inspiras pranto,
A's vezes, sim, ás vezes, si recordo
O meo passado e penso no futuro
A que negaste o encanto.

Filho da magoa, da tristesa filho,
Espurio do prazer, eu sinto a fronte
Pender emmurchecida como o lyrio
A que negou a aurora o doce orvalho
Das brumas do horisonte.

Sinto-a pender... deixal-a-hei... que importa?
A lage do sepulchro é flor de noivo
A quem sonhou beijar um seio virgem,
A quem sonhou beijar candida fronte...
E o que dar-me-has? um goivo...

Morrer... e ainda sonbarei ás vezes
Sonhos de amor de rapida ventura;
Talvez que eu sonhe reviver comtigo
— Nas planicies azues do firmamento...
Venus! Formosura!

Que sonho doce não será tal sonho!
Eu não tenho prazer... a fronte penda
E vá sonhar na fria sepultura
No teu amor, ás vezes, sim, ás vezes,
Quando a noite s'estenda!

E durma... e como ás vezes te recordo,
Mulher de meo affecto de mancebo,
Oh! não me negues um teu riso ao menos,
E de teu labio a prece mais mimosa
Não me negues, ás vezes, sim, ás vezes.

Sê feliz . . .

Sê feliz, e nos tempos felizes
Não esqueças, ai não, o teu vale!
Teu futuro risonho e festivo
A lembrança do triste não macte... *

Sê feliz, e entre gosos e amores
Do passado a lembrança não percas,
Nem agora que de aureas delicias
Os teus sonhos tão candidos cercas.

E's feliz, sê feliz! — Não occultes
O prazer que te-brilha na face!

* Sis licet felix, ubicumque mavis,
Et memor nostri... — (HORAT.)

Ah! permitta o Senhor que não seja
De alegria um momento fugace !...

As torturas que eu tenho soffrido,
Os negrumes que me-enchem a vida,
Amargores, ai tantos ! pungentes,
Nem de longe os-presintas, querida !

Entre os duros espinhos do mundo
Não incontres sinão roseas flôres :
Onde quer que tu passes somente
Aches graças, carinhos e amores.

Sê feliz, mas nos tempos felizes
Não olvides, ai não ! o teu vate !
Teu futuro risonho e festivo
A lembrança do triste não macte !...

1864.

Ed. Nunes.

O bardo.

Tu, oh ! bardo, que fazes tão triste
Alongando teus olhos além ?
Que procuras no céu azulado
Ai ! oh ! bardo, que magoas te vêm ?...

Tu, a vida n'um tempo queri do
Ai ! tão bella ditoso passavas,
— A ventura no peito nutrida
Alegrias do céu só gozavas.

Era o tempo formoso do bardo
Ah ! que tempo de amores sentias ;
Veio a morte, e pousou-te nos sonhos,
E teus sonhos e ella perdias.

Mas um canto sóu pelos ares
D'esse anjo que a morte contém,
E calando no peito do bardo
Lhe convida p'ra junto do bem.

« Ai ! a morte roubou-te do seio
« O que soube ventura te dar ;
« Mas o anjo querido dos tumulos
« Te pretende nos braços levar.

Então elle não teve mais pranto
Que o pranto na dôr só se tem
Pois a morte viéra bem cedo
E unira su'alma á seu bem.

*Silvio.
Belluco*

Conselho á Gelvina.

Porque tão pallida, gentil menina,
Assim te vejo em meditar profundo ? . . .
Porque meditas, porque scismas, qu'rida,
Que dôr compunge de teu peito o fundo ? . . .

Não posso, bella, ver-te assim tão triste
Sem que minh'alma experimente dor ;
Sem que me sinta de cruéis torturas
Cercado o peito, por esse teo pallor

Porque tão nivea, tão meiga e bella
A fronte inclinas á scismar galante ?
Porque na candida e mimosa face
Alva mão encostas á pensar constante ?

Eu sei, eu sei, gentil menina, eu sei
Qual é a causa de tua acerba dôr ;
Alguem te disse, não me negues, anjo,
Que á outra fiel eu consagrava amor ? !

Não escutes, virgem, as mentidas fallas,
Que encobre'espinhos que no peito ferem ;
São ellas nascidas do ardiloso intento
D'animos vis, que separar nos querem . . .

Amada virgem, não confies nunca
Em quem disser que te não quero amar :
Porque com lindas e fingidas phrases,
Intenta alguém teu coração enganar.

Escuta só, querido anjinho, os votos
De quem constante te consagra amor ;
Deixa a magoa que te descora as faces,
E manda um riso á teu fiel cantor !..

Fevereiro, 1868.

Limano,

CHARADA

Ah ! corre, Elmano, aos meus braços,
E relata essa historia
Da guerra em que praticaste
Façanhas de honra e gloria. 2

Sou thesouro de riquezas,
E á muitos proveitoza ;
Mas, á outros, (coitadinhos !)
Sou, ás vezes, bem damnoza ! 2

Agora, leitor querido,
Prestai-me vossa attenção :
Não sou nome, nem pronome,
Posso ser prepozição. 1

CONCEITO.

Já fui pura n'outros tempos,
Mas, hoje, tudo mudou ;
Minha innocencia de moça
O lupanar dissipou !

Ol. Cruz.

A decifração da charada do numero antecedente é
— Novello.

TYPOGRAPHIA DO MERCANTIL.